



## CRESPAS E CACHEADAS: O CABELO COMO CONDIÇÃO ESTÉTICO-IDENTITÁRIA DE AFIRMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E LIBERTAÇÃO PARA AS MULHERES ADULTAS E CRIANÇAS NEGRAS

*Jucélia Santos Bispo Ribeiro<sup>1</sup>*

*Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, (PPGA/UFBA), Salvador, BA, Brasil.*

*Agradecimentos<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo discute o processo de transição capilar vivido por mulheres negras, o abandono dos procedimentos de alisamento dos cabelos e a valorização do cabelo crespo com o aparecimento “natural” de sua raiz. Nesse movimento, a análise procura realçar as influências mútuas entre mulheres de diferentes gerações e o efeito de uma estética afro adotada por crianças negras, “crespas” e “cacheadas” espelhadas em suas mães e parentes. O texto pontua que, aos olhos de mulheres e mães, as crianças passam a ter uma relação mais livre e de valorização dos próprios cabelos crespos ou cacheados, marcadas por uma estética afro-brasileira e pelos movimentos de identidade racial na Bahia. A pesquisa foi feita a partir de uma etnografia em salas de aula na cidade de Salvador (BA), e entrevistas com mulheres negras de diferentes classes sociais e moradoras de diferentes bairros urbanos, estudantes universitárias, professoras, assistentes sociais, pedagogas, donas de casa.

**Palavras-Chave:** Cabelos; Identidade étnica; Criança; Mulheres; Negritude.

### FRIZZY AND CURLY: HAIR AS A CONDITION FOR AESTHETIC AND IDENTITY AFFIRMATION OF RACE AND ETHNICITY AND LIBERATION AMONG ADULT WOMEN AND BLACK CHILDREN

<sup>1</sup> Antropóloga, Psicóloga Clínica e Social, Doutoranda em Antropologia no PPGA/UFBA. E-mail: [juceliasbr@yahoo.com.br](mailto:juceliasbr@yahoo.com.br) ou [juceliaiamazi@gmail.com](mailto:juceliaiamazi@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0905-3451>

<sup>2</sup> Agradeço aos professores Cecília A. McCallum e Danilo Paiva pelas orientações. À CAPES pela Bolsa de pesquisa. Agradeço também à Antropóloga Cristiane Santos Souza (UNILAB) pelos comentários e trato nas fotos recebidas por Whatsapp e aos pesquisadores Fábio Baqueiro (UNILAB), Diego Haase e Cláudia Monteiro por suas contribuições. Sou grata à generosidade de todas as interlocutoras nas entrevistas e conversas. Gratidão à acolhida de Jucélia Teixeira e Ângela Luhning para que eu pudesse ter algumas conversas com mulheres e crianças negras, participantes de projetos sociais na Fundação Pierre Verger. Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, obedecendo aos preceitos éticos na pesquisa.



**Abstract:** This paper dwells on the process of hair transition as experienced by Black women, which involves setting aside hair straightening procedures and cherishing curly hair, implying the showing of “natural” hair roots. The analysis seeks to stress the mutual influences between women of different generations and the effect of an “Afro” aesthetics adopted by Black children, with “frizzy” and “curly” hair inspired by their mothers and kin. The article holds that, in the point of view of women and mothers, children start to have a freer and more valuing relation to their own frizzy or curly hair, in the frame of Afro-Brazilian aesthetics and racial identity movements in Bahia. The research was based on an ethnography in Salvador, Bahia, and interviews with Black women of different social classes, living in different urban neighborhoods: university students, teachers, social workers, pedagogues, housewives.

**Keywords:** Hair; Ethnicity; Children; Women; Blackness.

### **CRESPAS Y CARACOLEADAS: EL CABELLO COMO CONDICIÓN ESTÉTICO-IDENTITARIA DE LA AFIRMACIÓN ÉTNICO-RACIAL Y DE LIBERACIÓN PARA LAS MUJERES ADULTAS Y NIÑAS NEGRAS**

**Resumen:** El artículo discute el proceso de transición capilar que experimentan las mujeres negras, al abandonar los procedimientos de alisar sus cabellos y valorizar el cabello crespo con la aparición “natural” de sus raíces. En ese sentido, el análisis busca resaltar las influencias mutuas entre mujeres de diferentes generaciones y el efecto de una estética afro adoptada por niñas negras, “crespas” y “caracoladas” que se espejan en sus madres y familiares. El texto apunta que, según la mirada de mujeres y madres, las niñas comienzan a tener una relación más libre y de auto-valorización de sus cabellos crespas o caracoleados, siendo marcadas por una estética afro-brasileña y por los movimientos de identidad racial en Bahia. A investigación fue elaborada a partir de una etnografía en aulas de la ciudad de Salvador (BA), y con entrevistas a mujeres negras de diferentes clases sociales que viven en diversos barrios urbanos, estudiantes universitarias, profesoras, asistentes sociales, pedagogas, dueñas de casa.

**Palabras-clave:** Cabellos; Identidad étnica; Niña, Mujeres; Negritud.

### **CRÉPUS ET ONDULÉS: LES CHEVEUX COMME CONDITION D’AFFIRMATION D’ESTHÉTIQUE ET D’IDENTITÉ ETHNO-RACIALE ET DE LA LIBÉRATION CHEZ LES FEMMES ADULTES ET LES ENFANTS NOIRS**

**Résumé:** Cet article traite du processus de transition capillaire vécu par les femmes noires, de l’abandon des procédures de lissage des cheveux et de la valorisation des cheveux crépus par l’apparence “naturel” de ses racines. Dans ce mouvement, l’analyse cherche à mettre en évidence les influences mutuelles entre les femmes de différentes générations et l’effet d’une esthétique afro adoptée par les enfants noirs, “crépus” et “bouclés” reflétés par leurs mères et leurs parents. Le texte souligne que, aux yeux des femmes et des mères, les enfants commencent à avoir une relation plus libre et à valoriser leurs propres cheveux crépus ou bouclés, marqués par une esthétique afro-brésilienne et par les mouvements d’identité raciale à Bahia. La recherche a été réalisée à partir d’une ethnographie dans les salles de classe dans la ville de Salvador de Bahia et d’entretiens avec des femmes noires de différentes classes sociales et résidents aux différents quartiers

urbains, des étudiants universitaires, des enseignants, des travailleurs sociaux, des éducateurs et des femmes au foyer.

**Mots-clés:** Cheveux; Identité ethnique; Enfants; Femmes; Noirceur

## INTRODUÇÃO

**Figura 1:** Mudanças nos Cabelos de Nil



*Fonte:* Fotos enviadas por Whatsapp, por Nil/interlocutora, 2018.

As fotos que abrem este artigo são de uma assistente social, ex-aluna de um curso de pós-graduação, quando eu ministrava aulas sobre família e sociedade.<sup>3</sup> Em uma dessas aulas, ao trabalhar questões relacionadas às relações raciais e intergeracionalidade, Nil, que acompanhava o debate, menciona o que viveu durante o seu processo de transição capilar. Lembra dos comentários vindos de sua filha que à época tinha 5 anos de idade e que mexeu profundamente com o seu estado emocional e também com a imagem que passou a ter de si mesma. Mais à frente essa história será melhor relatada. Acima, fotos de Nil e filha.

Como mulher negra, antropóloga e psicóloga, constantemente sou atravessada por essas e outras histórias de pessoas que vivem experiências de sofrimento com o racismo, mas que também pontuam suas conquistas, orgulho de sua negritude e aprendizados com essas questões com as quais têm que lidar.

Outras histórias de enfrentamento ao racismo foram compartilhadas durante as aulas, e ouvi, atenta, aos depoimentos das estudantes. Algumas, às lágrimas, falavam sobre a forma como se deu o retorno ao encrespamento dos seus cabelos e sobre os episódios que as convidaram a uma tomada de consciência sobre a identidade racial a partir de sua estética capilar.

---

<sup>3</sup> Quase todas as fotos deste artigo foram cedidas pelas interlocutoras e selecionadas por elas e enviadas por Whatsapp.



Momentos marcados por vivências de dor nas famílias são as situações relatadas por essas mulheres, a maioria mães, quando se sentiam aprisionadas por não terem a coragem ou não poderem assumir os cabelos crespos. Tinham uma percepção negativa de si e, ao mudarem o jeito de manter os cabelos, passam a ter uma sensação de liberdade e libertação sobretudo racial. A passagem dos cabelos alisados para crespos desencadeou impactos subjetivos importantes, pois passaram a se perceber como negras e abandonaram a prática exclusiva de alisamento dos cabelos, assumindo novas estéticas, sobretudo a do cabelo enrolado e/ou encrespado.

O antropólogo Kabengele Munanga (2010) ao analisar o que pode constituir uma identidade negra, frisa que não se trata somente de uma tomada de consciência de si a partir de características biológicas, da cor da pele. Assumir uma identidade negra, a negritude, passa pela experiência de grupos de pessoas, que, ao longo da história, têm sido “vítimas das piores tentativas de desumanização” (MUNANGA, 2010, p. 12). E as histórias com os cabelos, vividas pelas mulheres cujas vozes aqui expressam memórias e imagens negativamente construídas sobre si, abrem espaços no tempo para a reconstrução de histórias positivas sobre si, em novos contextos de posituação de negritudes, como nos lembra Munanga.

Os cabelos crespos e encaracolados têm se configurado como um dos bastiões de um movimento estético e identitário de mulheres e homens negros no Brasil. Em destaque como sinal diacrítico que expressa uma forma de negritude inscrita no corpo, na cabeça, os cabelos também se caracterizam por um lugar que é posicionado na estrutura e nas relações classificatórias do sistema racial brasileiro.

Neste artigo, discuto como o cabelo continua assumindo esse lugar de destaque na contemporaneidade, enquanto signo de diferença estético-identitária, marcando profundamente a subjetividade de muitas mulheres. A partir de uma etnografia em salas de aula na cidade de Salvador e entrevistas feitas com mulheres negras de diferentes idades, pontuo como uma geração mais jovem, de crianças, torna-se referência no uso dos cabelos crespos ou encaracolados frente aos adultos. Por outro lado, destaco como mulheres negras experimentam o sentimento de libertação ao passarem pelo processo de transição capilar, passando a se referenciar numa estética afro-brasileira e mantendo os cabelos crespos ou cacheados. Além disso, mostro como tem havido um efeito cascata geracional nas formas de manipulação dos cabelos, que vai além de um movimento étnico-identitário, mas que sofre influência direta deste. Por apresentar uma zona de



tensão, situada entre a rejeição, negação, afirmação, valorização, manipulação, cabelo e corpo negros são feitos construtivos políticos, conforme salientam Gomes (2006), Munanga (2004), Figueiredo (2002).

Estudando estéticas negras nas redes virtuais como Facebook e nomeadas como estéticas afro-diaspóricas, as pesquisadoras Ivanilde Mattos e Aline Silva (2014) destacam “o fenômeno do vício cacheado”, uma nova onda adotada pelos jovens negros na estilização dos cabelos. Assumir o crespo e o cacheado dos cabelos seria uma forma de resgate de uma herança africana centrada na estética que se reatualiza no presente, nas cabeças da juventude negra.

Essas frentes de atuação em torno da estética negra, portanto, não começa agora no Brasil, ainda que mais recentemente o foco tenha se dirigido muito mais para a visibilidade da beleza dos cabelos das mulheres e jovens negras. As primeiras décadas do século XX foram ricas para o início de uma compreensão sobre a importância dos negros nas artes e em sua expressão estético-corporal, para muito além de uma discussão sobre o contexto de pós-abolição. Porém, estéticas negras, africanas e afro-diaspóricas existem há muito tempo, pois “nossos passos vêm de longe”, como nos lembra Jurema Werneck (2010).

E os cabelos sempre estiveram nesse lugar de marcador de diferença, indicador de identidades, referência estética como afirmação da posição racial, de gênero, religião, como salienta Nilma Gomes (2002, 2006). Usar cabelo “Black Power”, aderir ao movimento rastafári, colocar *dreads*, cortar os cabelos bem curtos, raspá-los, trançá-los, fazer alisamento a ferro ou com química, dar “*Permanente*”, mantê-los atualmente crespos, são formas a que as pessoas negras recorrem para lidar com a textura capilar.<sup>4</sup>

Em tempos atuais, o aspecto corporal vai ganhando cada vez mais dimensão estética e também política, sendo o cabelo apresentado em sua faceta múltipla, diversa e diacrítica. As tatuagens pelo corpo, a afirmação de um corpo gordo, a transformação em identidades *trans*, o empoderamento crespo deslocam os olhares da sociedade para lugares antes ainda não visibilizados, discriminados, negligenciados. Valores, crenças, posicionamentos políticos, identidades se materializam também nos corpos.

---

<sup>4</sup> Há diferença entre fazer alisamento, relaxamento/texturização, permanente e alongamento. Os dois primeiros tratamentos podem deixar os cabelos lisos ou quase lisos; enquanto a permanente afro torna os cabelos cacheados ou com os cachos soltos, como se diz.



Como frisa Nilma Gomes (2002, 2006) os reflexos dos movimentos identitários negros, a aceitação e valorização estética dos cabelos crespos alcançam o interior das subjetividades de crianças e mulheres adultas negras que desejam expor os seus cabelos “naturais”. A transição capilar vivida por muitas mulheres adultas, portanto, mostra o peso que as gerações de mulheres exercem sobre as outras, sobretudo as mais jovens sobre as mais velhas. Os casos aqui apresentados ilustram o quanto essas mulheres jovens passaram a se sentir em estado de libertação em relação à opressão social reproduzida por suas mães que antes sentiam o “aprisionamento” de seus cabelos e de suas identidades raciais negras. De outro modo, as interlocutoras desta pesquisa ressaltam a liberdade vivida por suas filhas na “ostentação” dos cabelos crespos ou cacheados e a potência da atitude delas, quando pedem para usar os cabelos crespos, cheios e soltos. Essa “liberdade” das filhas e crianças tem motivado a transição capilar de algumas dessas mulheres adultas e tem servido como inspiração para os olhos que passam a enxergar o cabelo crespo como cabelo bom e belo.

A escrita deste artigo foi iniciada a partir de conversas em aulas de Antropologia ministradas por mim em diferentes faculdades, quando os temas raça, família e identidade emergiam com força nos depoimentos das alunas negras sobre suas vivências e experiências com os cabelos crespos. Ao destacarem em seus discursos públicos a importância da mudança nos cabelos, de alisados para crespos, muitas delas lembraram momentos na infância, de sofrimento e aborrecimentos quando eram submetidas aos penteados forçados por suas mães e avós. Ressaltavam a não liberdade na escolha do tipo de penteado que desejavam ter sobre suas cabeças e o quanto eram tolhidas de fazerem das madeixas o que bem quisessem.

Ao longo de muitas conversas em diferentes espaços, passei a notar as transformações também subjetivas que essas mulheres iam experimentando na transição para os cabelos crespos, antes quimicamente alisados. E, acompanhado disso, apareciam os depoimentos sobre os significados dos seus cabelos para as suas filhas pequenas, ou outras crianças, as quais influenciaram-nas a não mais alisarem os cabelos.

A pesquisa teve um recorte etnográfico, com observações sobre as mudanças no visual estético capilar de mulheres estudantes de graduação e pós-graduação, ex-alunas, amigas e outras mulheres indicadas por uma rede de conhecidas. Todas elas passaram pelo processo de transição capilar. Várias conversas se deram também a partir de fotos e álbuns de fotografias mostrados por essas mulheres sobre os momentos da transição

capilar e como os cabelos eram antes dessa transição, alisados, e depois, mudados para crespos ou encaracolados.

Ao longo do texto, apresentarei diálogos e depoimentos das interlocutoras desta pesquisa como: Dani, 37 anos de idade, assistente social, solteira, mãe de duas meninas; Abin, 30 anos, assistente social, casada e sem filhos; Iva, 52 anos, professora de língua alemã e estudante no doutorado, casada e mãe de um menino; Nil, 32 anos, assistente social, estudante numa Especialização, casada e com duas filhas; Ane, 30 anos, estudante de Letras, casada, uma filha; Éri, 30 anos de idade, assistente social, liderança comunitária, solteira, com uma filha; Tati, 32 anos, solteira, uma filha.<sup>5</sup> As outras entrevistadas cujas falas não aparecem neste artigo, por questão de espaço, mas cujas ideias estão presentes no corpo do texto foram: Eli, 30 anos, 2º. grau completo, dona de casa, casada, um filho; Rosa, 45 anos de idade, 2º. grau completo, dona de casa, casada, uma filha.

## OS CABELOS CRESPOS EM CASA E NA ESCOLA: SOLTOS OU “PENTEADOS”

**Figura 2:** Abin pós-transição capilar



*Fonte:* Foto da autora, Jucélia Ribeiro, 2018.

Neste tópico, pretendo trazer à discussão os conflitos presentes nas formas de cuidar dos cabelos crespos de crianças pelas mulheres da família e as implicações em deixar os cabelos soltos, prendê-los ou elaborar penteados afro.

Para muitas mulheres negras os penteados podem apresentar sentidos ambivalentes, podendo ser uma forma de negar a negritude, esconder a raiz capilar, e por

<sup>5</sup> Todos os nomes são apelidos fictícios.



outro lado, podem ser um veículo de afirmação dessa negritude, da pessoa enquanto sujeito de si ou de reconhecimento em um lugar de valorização social.

Ter os “cabelos penteados” pode trazer diferentes conotações, na perspectiva dos diferentes sujeitos que estejam implicados na vida de uma criança negra “crespa”. A polissemia que o “penteadado crespo” evoca traz a riqueza do que se faz ou do que se pode fazer com as cabeleiras das mulheres negras. Os blocos afro, como o Ilê Aiyê, por exemplo, contaram histórias de encantos e de beleza a partir dos penteados e trançados que fizeram a cabeça das mulheres pretas.

Por outro lado, “pentear” e algumas formas de penteados, para algumas gerações de mais idade, pode conotar uma noção asséptica, inclusive ou principalmente racial do corpo e da pessoa, permitindo dar vazão à ideia de limpeza, cuidado, zelo. O cabelo crespo, cacheado ou encaracolado, estando solto, cheio, jogado propositalmente para o alto ou esvoaçante sob o vento pode ser percebido como sinal de descuido para uns, afronta ou feiúra para outros, ou afirmação politicamente positivada e beleza para muitas (os). Não por acaso que mães de crianças com cabelos crespos (não necessariamente vistas como negras) ainda se preocupam em “domar” as madeixas de suas filhas e a via mais rápida e “eficiente” é prendê-las na forma conhecida como “Rabo-de-Cavalo”.

Quando se é criança negra com cabelos crespos, a escola pode ser um bom termômetro para se entender as expressões silenciadas de racismo ou mesmo as manifestações explícitas deste, tomando-se o cabelo como referência. O cabelo crespo ao “natural”, solto, “penteadado”, alisado, pode expressar as ambiguidades, muitas vezes perversas, às quais uma criança pode estar submetida.

Dani diz que mesmo alisados pela mãe, o seu cabelo:

vivia mais preso do que solto. Eu só vim a ficar com os cabelos soltos já na fase adulta. Eu sempre costumo dizer que minha mãe, ela sempre usava os termos pejorativos sem saber que era um termo pejorativo em relação ao cabelo. \_Vamos alisar o cabelo de Bombрил, o arame farpado. \_Vixe, seu cabelo tá arame farpado! Nossa! Porque estavam secos. Então ela dizia que era arame farpado. Então eu cresci muito ouvindo isso, eu e minhas irmãs. Então, assim, o alisar na verdade já era algo natural, já fazia parte da gente (ENTREVISTADA, 2018)

Dani diz que na fase de entrar na escola, entre os cinco e seis anos de idade já estava alisando os cabelos. E reforça: “Eu não podia estar com os cabelos soltos. Meu sonho era soltar o cabelo e quando soltava pra lavar era uma felicidade”.

Nilma Lino Gomes (2002), mencionando os processos educativos (escolares) e não educativos (culturais), destaca a necessidade de as escolas atentarem para as relações que se fazem presentes em seus espaços, como aquelas entre corpo e cabelo do negro. A autora aponta ainda a tensão entre mudar o cabelo para fazê-lo parecer com um cabelo de pessoas brancas, um cabelo liso, ou fazer do cabelo um lugar de criatividade ousada, a partir mesmo da crespidão de sua textura.

Essa tensão, para muitas mulheres negras, já se reverteu em sofrimento e invisibilidade de seus desejos na escolha de sua estética. Nil lembra que quando era criança, tinha vontade de manter os cabelos crespos soltos, mas a mãe não deixava. Afirmo que sofria quando tinha que desembaraçar os cabelos: “Meu cabelo era muito cheio [...]. Eu apanhava, chorava, tinha que pentear o cabelo”. E a sua avó pressionava: “\_Vai ficar com esse cabelo de arapuá”?

Algumas mulheres falam da necessidade do penteado constante nas crianças meninas por preocupação com o perigo de contaminação por piolhos. Acredita-se que os cabelos cheios, crespos ou encaracolados são mais propensos à investida desses bichos peçonhentos, irritantes e motivo de vergonha para os adultos da família.

Ao serem perguntadas sobre as mudanças de penteados nas filhas, algumas mulheres de imediato mencionam a possibilidade de “pegar piolho na escola”. Parece haver um imaginário racialmente colonizado de que cabelo cheio e crespo é morada de piolho, e, portanto, pode parecer sujo, não higienizado, terreno fértil para os sanguessugas. Não é raro que mães de filhas com cabelos crespos e cheios sejam perguntadas se as filhas “cabeludas” não “pegam” piolho facilmente na escola. Eu mesma me insiro nessa experiência pessoal de ser mãe de filha de cabelo cheio e inquirida na frente da escola se minha filha “pega piolho” estando com os cabelos soltos. E pode parecer surpresa para muitas saberem que várias crianças de cabelo cheio e crespo nunca tenham sido infestadas ou raramente tenham vivido tal experiência com piolhos.

Curiosamente, os cabelos lisos ou preconceituosamente ditos “moles” também podem ser alvo dos piolhos e lêndeas, ainda que não haja um movimento para prendê-los, trançá-los ou contê-los diariamente como forma de prevenção.

Questionadas sobre a presença de piolhos em cabelos crespos, cheios, encaracolados e em cabelos lisos, de pouco volume, textura fina, algumas mulheres interlocutoras nesta pesquisa dizem que suas mães prendiam seus cabelos na infância e não permitiam que fossem à escola com os cabelos soltos também com a preocupação



com os piolhos. E assim, a dificuldade em lidar com o cabelo crespo, a praticidade de prendê-los e não diversificá-los com os penteados, entre outras questões, eram e ainda são algumas razões encontradas para o alisamento dos cabelos das crianças.

Uma interlocutora lembra que “Desde criança alisava. Passei a não alisar com mais ou menos 26 anos de idade”. No entanto, o “ativismo” mirim da garotada tem se manifestado com força em relação às gerações mais velhas. As mulheres que são mães têm pontuado um modo de ser de suas filhas e uma nova maneira de ser criança, que diverge consideravelmente da forma como elas pensavam e se comportavam na mesma idade. Dizem que as filhas já desde muito pequenas pedem para que os cabelos crespos, encaracolados ou enrolados fiquem soltos e não se preocupam com o controle do volume das madeixas. Acham-se bonitas e pedem para ir para a escola de cabelos soltos. Algumas mães, no entanto, inventam histórias, falam dos riscos de pegar piolho ou contornam os pedidos, algumas vezes “seduzindo” suas filhas com os penteados.

E não é à toa que muitas crianças se envergonhem de sua estética capilar e não gostem da textura de seus fios de cabelo. O contrário do que se espera de ambientes pedagógicos como a escola, também nesse lugar, muitas crianças são tolhidas e muitas vezes são vítimas de preconceitos e discriminação institucionais no espaço em que passam a maior parte do tempo em aprendizado formal. Não é raro se ouvir comentários, por mães, crianças e docentes, sobre o cabelo despenteado da criança negra, quando este está solto, livre.

### MÃES, FILHAS E PARENTES ESPELHADAS NA TRANSIÇÃO PARA UMA NOVA ESTÉTICA/IDENTIDADE CAPILAR AFRO

**Figura 3:** Iva, seu esposo e filho





Fonte: Fotos enviadas por Whatsapp, por Ive/interlocutora, 2018.

Nesta seção, abordarei o processo de transição capilar vivido por mulheres negras adultas, a relação com suas filhas e parentes a partir dos cabelos e o movimento de assunção de novas identidades marcadas pela estética capilar.

Ao se falar em transição capilar em mulheres negras, geralmente se pressupõe que essas mulheres, antes de passar a alisar os cabelos, mantinham-nos em sua aparência considerada natural, sem uso de cosméticos que mudassem significativamente a textura dos fios dos cabelos. A transição acontece, então, quando essas mulheres, depois de anos de alisamentos, resolvem radicalizar na aparência dos cabelos, deixando de usar produtos químicos que alteram a textura, recorrendo muitas vezes ao corte total, hoje chamado BC ou “Big Chop”, que quer dizer “Grande Corte”. Por vezes raspam a cabeça, de forma a voltarem a aprender a usar os cabelos “naturais” ou ter uma intimidade perdida com os próprios fios capilares.

Para Iva, que teve os cabelos alisados desde os 12 até os 18 anos de idade, hoje com 52 anos, era bastante trabalhoso manter os cabelos lisos. Começou com ferro quente e depois passou a usar uma “pasta que fedia muito. Ia para a Liberdade (bairro de Salvador) e o cabelo tinha que estar bem sujo, senão a pasta feria a cabeça”. Como não gostava do alisamento e “não tinha paciência para salão”, encarou a transição capilar, fazendo “tranças nagô” e cortando constantemente as pontas alisadas, enquanto a raiz crescia crespa. Iva destaca que já mudou a aparência do cabelo por diversas vezes, passando um longo período com *dread looks* e também cortado bem baixinho. Diz que gosta de mudar a própria imagem através dos cabelos porque:

A estética vem em 1º. lugar, antes de vir a ideologia. Eu queria um *rasta* bonito, cuidava dele. Então, primeiro vem a questão do belo e depois a ideologia. Passei a ter uma identidade negra com a influência de uma prima que participava dos movimentos negros por identidade”.



Já Éri afirma que passou pela transição capilar por questões financeiras, pelas dificuldades em fazer a manutenção do cabelo quimicamente alisado e por ser “um camaleão ambulante”. Então, a sua transição foi radical e direta: do alisado, fez “corte Joãozinho”, retirando todos os fios esticados. Entretanto, ainda que se identifique como um camaleão, Éri considera ter mais identificação com o *Black*, pois este “mostra a essência do que é você, define o que você é”.

Abin, depois de ter vivido a transição capilar, fala do seu processo de mudança:

Cortei curtinho para passar pelo processo (de transição capilar). O processo é depois: conhecer o próprio cabelo, a textura, os produtos e tratamento. Crespo tem várias variações; é preciso atender as necessidades do cabelo; e encarar os olhares. Eu sei que é bom assumir os próprios cabelos, mas tem que aguentar o rojão. (ENTREVISTADA, 2018).

“Aguentar o rojão” pode significar muitas coisas, desde o enfrentamento aos olhares e à pressão social para voltar a ter os cabelos no padrão antigo, suportar a queda dos cabelos com o abandono paulatino do uso das químicas processadas ou realmente sentir-se bela e com os cabelos mais saudáveis e bonitos. Nil, por exemplo, se deu conta do quanto os produtos químicos estavam prejudicando seus cabelos quando ouviu um comentário de sua filha pequena, estranhando a quantidade de fios de cabelo no pente. A queda dos cabelos, com o uso de produtos para alisar e sem a adequada manutenção e tratamento capilar surtem efeitos similares ao corpo que é submetido à quimioterapia para combate e eliminação de células cancerígenas. No caso de Eli, a transição capilar não foi brusca, pois “fui assumindo o volume, tirando as pontas e o cabelo foi perdendo o aspecto de desgaste”.

Ao terem os cabelos rejeitados desde a infância e terem que enfrentar o preconceito por terem os cabelos crespos, as mulheres negras interlocutoras nesta pesquisa pontuaram o quanto não conheciam a textura original dos próprios cabelos, uma vez que tiveram seus cabelos alisados muito cedo. Abin relembra o processo dela: “Fiz o processo de BC (corte) há 3 anos e meio. Eu usava trança e achava que meu namorado não ia gostar do cabelo crespo. Como ele iria pegar? O cabelo não ser liso, eu mesma não sabia lidar com isso”. Meu cabelo é 4C, crespo mesmo. Dava Permanente para soltar os cachos”.

Figueiredo (2002), pesquisando em Salvador, e Nilma Gomes (2006), nos salões de beleza afro de Belo Horizonte, perceberam algumas ambiguidades em torno do



alisamento do cabelo crespo e nas demais formas de tratamento capilar. Essas ambiguidades aparecem desde a vontade de alisar para facilitar os penteados e alongar os fios, até o interesse em manter a raiz o mais “natural” possível como realce de um pertencimento racial-étnico-estético. Raiz, nessa perspectiva, pode ser usada como metáfora para “identidade negra e africanidade recriada no Brasil” (GOMES, 2006, p. 199).

As formas de cuidar, trançar, embelezar, manipular o cabelo negro podem ser pensadas como maneiras de fazer arte e, ao mesmo tempo, como artefato corporal que pode ser retirado e recolocado, feito em forma de trançagem, modificado. O sentido de agência cabe bem nesse manejo do corpo, nessa textura e na tecitura capilar. Um agenciamento que aciona identidades negras variadas, algumas vezes relacionadas à ancestralidade, como se diz sobre o uso das “tranças nagô”, das identidades religiosas no uso de turbantes e panos nas cabeças das filhas de santo e ialorixás, e dos usos políticos e estético do cabelo “Black Power”, “Rastafári”, dos “*dread looks*”. Arte e agência juntas.

A obra de arte, portanto, não serve somente para ser contemplada na pura beleza e harmonia das suas formas, ela age sobre as pessoas, produzindo reações cognitivas diversas. [...]. São objetos que condensam ações, relações, emoções e sentidos, porque é através dos artefatos que as pessoas agem, se relacionam, se produzem e existem no mundo (LAGROU, 2010, p. 2).

Com uso político, estético, religioso, os cabelos são produzidos mesmo como artefato do corpo que expressam diferenças, relationalidades, imagens e representações da pessoa que interferem nas percepções sobre si e sobre o outro. Expressando linguagens silenciosas, os cabelos têm o poder de produzir outras tantas imagens que falam muito sobre as relações e as pessoas. Assim também o é nas imagens e narrativas em películas produzidas com histórias de mulheres e conflitos com os cabelos, como no filme “Felicidade por um fio”, exibido na Netflix, citado por algumas pessoas com quem tive contato. A história narrada nesse filme foi tomada por uma entrevistada como exemplo do que uma mãe não pode fazer com uma filha-criança, ao retirar-lhe a felicidade. Ela fala da opressão em nome de uma “estética-padrão” branca e da negação de si mesma do ponto de vista racial. O filme retrata a história de uma mulher negra que, desde criança, tem os cabelos alisados por sua mãe e por anos vive privações como o não poder brincar na piscina, molhar os cabelos livremente e usar os cabelos “naturalmente”. Assim, as menções a “ser livre”, ter liberdade e felicidade foram temáticas diretamente associadas



à criança negra contemporânea quando os cabelos estiveram no centro das conversas com as mulheres interlocutoras desta pesquisa, sobretudo as que assistiram a esse filme.

Pode ser que essa distinção, entre identidade e estética, já não seja uma classificação tão evidente, já que diversas militantes dos movimentos negros podem manter a “raiz” crespa como sinal de identidade e de estética negras e muitas não militantes também podem estar acionando essas duas categorias ao mesmo tempo. Tem crescido o número de mulheres evidentemente com os cabelos crespos e não militantes, mas a manipulação dos cabelos é uma possibilidade de mudança e transformação, conforme já pontuou Gomes (2006). Entretanto, a socióloga Ângela Figueiredo (2002) coloca adiante essa ordem discursiva identitária a partir dos cabelos, ao destacar um enredo em torno da naturalidade dos cabelos.

Mas é possível ser “crespa” também aos 60! Como um movimento inverso na hierarquia das influências e poder sobre a consciência do outro, várias mulheres sessentonas estão passando pelo processo de transição capilar, deixando de aplicar produtos químicos para alisamento de seus cabelos, ou mesmo deixando o “ferro quente”, e estão os mantendo curtos, enrolados ou crespos e estão vivendo uma nova fase estética e de reconhecimento de si como pessoa, mulher, negra, conforme mencionaram algumas interlocutoras ao falarem sobre as mudanças nos cabelos de suas mães ou avós.

Poder mudar em qualquer tempo, seja na velhice ou já desde criança tem sido uma possibilidade experimentada pelas pessoas que vivem em contextos de idiosincrasias raciais, ou racismo mesmo e destituição de si enquanto pessoas dotadas de vontades, desejos e decisões autônomas que não passem por imposições rígidas de padrões, opressões e formas de violência que comprometem a sua consciência e existência.

Tendo alisado os cabelos até os 18 anos, feito transição e depois colocado os *dread looks*, e ultimamente, raspado a cabeça, Iva destaca o seu apreço por uma estética afro, negra, e o gostar de mudar, de se sentir bonita, não gostando de estar aprisionada em nenhum modelo específico. Por outro lado, passa a se preocupar com a sua imagem enquanto espelho para seu filho, à época com 7 anos.

Eu nunca gostei de ficar sempre com o mesmo cabelo durante muito tempo, eu já tinha pensado em cortá-lo, porque eu já estava muito tempo com ele. Só que quando eu me tornei mãe de Lú, desde pequeninho, o cabelo dele, eu já fui começando a enrolar com os *dreads*, então eu decidi não cortar. Porque eu disse: como é que eu vou deixar meu filho ficar com o cabelo *rasta* e eu não vou ter *rasta*? Ele não vai ter nenhuma referência nem minha nem de Mago (pai), [...]. Então eu deixei meu *rasta*, meu cabelo foi crescendo, crescendo e Lú foi ficando



sempre *rasta*, sempre *rasta*...Um certo dia, Lú decidiu cortar os cabelos com máquina um. Eu fiquei assustadíssima! Eu digo: Ai, meu Deus, e agora? (riso). [...]. Então, quando ele decidiu cortar e depois o cabelo começou a crescer e ele sentiu falta do *rasta* e disse que queria ficar com o Black Atitude, que queria ficar com os *dreads* de novo, então eu disse: pronto, minha missão está cumprida. Então, ele valoriza o cabelo dele do jeito que ele gosta, do jeito natural que ele quer, independente agora do meu ser *rasta* ou não. [...]. Então, a minha decisão de continuar com o *rasta* foi realmente por ter um filho negro e ter um filho que eu gostaria que aprendesse a valorizar o cabelo dele, assim como o cabelo de gente preta”. (ENTREVISTADA, 2018).

A forma, a textura e as maneiras de manipulação no arranjo estético dos cabelos, da cabeça e do corpo negro têm impactos diretos sobre a subjetividade de quem experiencia essa forma de ser, conviver ou de criar estilos e representações, como salienta Gomes (2006).

Pontuando o sistema de classificação racial no Brasil o qual hierarquiza as posições das pessoas pelos seus atributos, suas marcas, Nogueira (2006) e Figueiredo (2002) salientam posicionamentos feitos pelos movimentos negros os quais vão na contramão dessa hierarquização. Valorizando a “raiz”, o dito cabelo “natural”, muitos desses movimentos afirmam uma certa autenticidade na (e às vezes, a “verdadeira”) identidade negra quando marcada pela textura capilar que aproximaria a pessoa da “naturalidade” africana ou afro-brasileira. Porém, muitas críticas são feitas a essa forma de percepção, ainda que muitas vezes se reconheça que o cabelo é mesmo um marcador diacrítico de etnicidade, podendo ser usado para afirmar negritude, escondê-la ou estetizar, com estilos, o que se pretende representar para o Outro sobre sua própria imagem.

A raiz do cabelo é um sinal, portanto, que marca diretamente o pertencimento racial. Antes de fazer a transição, enquanto mantinham os cabelos em tratamento para alisamento, as mulheres tinham um exercício de vigilância ao crescimento da raiz do cabelo. Ao sinal de algum crescimento, logo o esticamento se processava, evitando-se assim, a denúncia da negritude pela diacriticidade do cabelo crespo. A raiz do cabelo vai se tornar, assim, o broto capilar que anunciará um traço “negróide” a ser provisoriamente camuflado ou um tipo de saber perdido sobre o próprio corpo que se recupera com o despontamento dessa raiz.

Mas as contradições aparecem com o que é dito ser uma facilidade para manusear os cabelos depois do alisamento. Geralmente se perde os penteados conhecidos como afro, como a feitura das tranças e uma certa forma de manipulação estética no jeito de



organizar os cabelos. Abin conta que sua avó “fazia tranças, mas fez o alisamento para facilitar. Depois de alisado deixou de fazer tranças, pois tinha o conceito de que liso era melhor”. Atualmente, essa avó voltou a usar os cabelos crespos por influência de Abin e tem mais ou menos o mesmo tempo de cabelos encrespados que essa neta. A avó também parou de alisar porque “alisava e deixava o cabelo preso; agora usa black”. De outro modo, Dani tem uma hipótese quanto à manipulação dos cabelos das filhas por sua mãe:

Acredito que quando a gente desconhece esse processo do natural do cabelo e que ele com o tempo, com o alisamento, ele vai crescendo, a raiz vai crescendo e era com pouco tempo; o alisamento, ele não fica o tempo todo [com] o cabelo liso muito tempo; ele chega um período que você alisa, ele está bem escorridinho, mas, depois de uma semana, duas, o pé já vai desenvolvendo, ele não fica esticado. Aí eu acredito que o prender que ela fazia, Maria-Chiquinha, o Rabo-de-Cavalo, era justamente para ficar tão esticado e não ter aparência de tão duro como era. (ENTREVISTADA, 2018).

As pessoas em geral sabem e Abin enfatiza que, “Hoje o que é socialmente aceitável é o cabelo encaracolado, como o de vocês” (Olha para o meu cabelo e da minha filha, também crespa e encaracolada). “A textura do encaracolado é de cachos definidos, do cacheado ao crespo. O cabelo cacheado é aceitável, mas não o crespo. As pessoas dizem: faça o “*twist*”, a forma de enrolar de dois, trança de dois”. Então, existe uma escala que também hierarquiza os cabelos pela textura capilar e que, na gradação, pode colocar a pessoa numa posição melhor aceita socialmente, simplesmente pelo tipo de fio de cabelo que ela possui.

Abin ressalta sua influência sobre a família, ao passar pela transição capilar e “assumir” os cabelos crespos, pois “todas as mulheres da minha família eram alisadas”, ainda que lembre como ela própria agia antes: “Já fiz tudo: ferro, Permanente, trança, alisante”.

Ela entendeu que servia como uma espécie de espelho para sua sobrinha de 8 anos de idade, que pediu também para fazer a transição capilar, cortando os cabelos e ficando igual à tia. Disse que essa sobrinha bateu uma foto e postou, dizendo: “\_Estou igual a você!”.

Mesmo sendo referência na família, Abin percebe que as crianças precisam de muito apoio, e certamente, completo eu, “acolhimento”, para usarem os cabelos como desejam, sem alisamento, crespos e mais “naturais”. Essa interlocutora destaca que essa sobrinha de 8 anos de idade tinha uma tendência a querer usar os cabelos crespos, mas não tinha coragem e “fortalecimento familiar” para deixar de alisá-los, ou seja, não

encontrava encorajamento e apoio de parentes para usar os cabelos sem química, pois, após ter feito o corte para a transição capilar, “não conseguiu se manter e voltou a alisar os cabelos” por pressões dos próprios familiares e de outros contextos com colegas na escola.

Abin atribui essa não sustentação do próprio desejo da criança também pelos preconceitos, racismo e violências que a sobrinha viveu na escola, uma vez que os colegas, sobretudo os meninos, ficavam falando do cabelo dela, chamavam-no de “bucha”, “bombрил”, “abusavam”. Pode-se perceber que assim como essa criança, várias outras pessoas com quem conversei, em diferentes espaços, bairros, escolas, faculdades, viveram a mesma situação ou conhecem algum caso de criança negra que sofreu “abuso” ou alguma violência por sua caracterização fenotípica, sobretudo pelo tipo de cabelo. Os “abusos” nos espaços institucionais educativos podem ser identificados como bullying, porém, o nome mais apropriado pode ser racismo, pois os avolumados, crespos, encaracolados são os tipos de cabelos mais alvejados. E, de um modo geral, esses cabelos específicos compõem o corpo negro ou trazem algum sentido de africanidade e/ou negritude. Então, crianças negras que sofrem abusos é uma condição que se tornou comum nos espaços escolares, conforme depoimentos de várias interlocutoras. Os abusos incidem, sobretudo sobre seus corpos, seus cabelos crespos, sua estética, seus acessórios, sua religião, quando a matriz é afro-brasileira como Candomblé ou Umbanda.

### **DO DESCONHECIMENTO DOS FIOS E RAÍZ AO RECONHECIMENTO DE SI ENQUANTO NEGRAS/OS ATRAVÉS DOS CABELOS**

**Figura 4:** Dani antes e depois da transição capilar e sua filha





*Fonte: Fotos enviadas por Whatsapp, por Dani/interlocutora, 2018.*

Circulando pelos espaços de militância e ativismo negros, escutando depoimentos em sala de aula e/ou simplesmente estando constantemente com uma escuta ativa para as questões que atravessam as relações raciais, tenho escutado mulheres negras, adultas, falarem sobre os seus processos de autoreconhecimento racial marcado diacriticamente pela manipulação e/ou encrespamento dos cabelos.

É comum, no contexto baiano, muitas mulheres negras passarem a “assumir” ou adotar os cabelos ditos “naturais” já na adultez. Muitas vezes ativistas aguerridas, integrantes de coletivos e entidades negras, mesmo com uma trajetória de militância em torno da causa racial, por anos ou grande parte de suas vidas mantiveram os cabelos alisados. Sejam pelas antigas, mas ainda existentes práticas de esticamento capilar pelo ferro quente ou pelo uso de química, muitas dessas mulheres somente puderam deixar os cabelos crescerem ou mantê-los soltos por conta dessas técnicas de alisamento.

Entretanto, em vários encontros para debate público, mesas redondas, seminários, salas de aula, essas mulheres e tantas outras têm publicizado seus depoimentos acerca dos desconfortos, sofrimentos com o lidar com os cabelos crespos quando pequenas e jovens e as estratégias a que recorriam para conter, esconder e negar a “naturalidade” dos fios e de suas raízes capilares.

Com a recorrência aos alisamentos, algumas interlocutoras dizem que por anos ficaram sem saber como era o seu cabelo na raiz, original. Lembrar dos cabelos como eles eram, só através das fotos de infância, como diz Dani:

porque as fotos, elas trazem um pouco da memória, do que era antes e, nas fotos, eu só me vejo de cabelo amarrado. Tanto que eu lembro que quando a gente ia tomar banho, que o cabelo soltava, que caía no ombro, era uma felicidade, e a gente queria tá com aquele cabelo solto. Na praia, a gente fazia de tudo pra soltar e minha mãe já saía dizendo: \_olha, se você soltar esses cabelos, você vai apanhar, viu? E a gente fazia de tudo pra soltar, pra sentir o cabelo no ombro (ENTREVISTADA, 2018).



Em uma conferência de abertura no Spelman College, em Atlanta, Estados Unidos, a escritora feminista negra Alice Walker (1987) faz referência à sua experiência pessoal na relação com os cabelos e a raiz e fala publicamente que somente aos 40 anos de idade percebeu que precisava experimentar conviver com seus cabelos agora não mais “processados”, agora crespos, pois para ela, o “cabelo oprimido era o teto para o cérebro”, criticando a si mesma no processo de negação da “naturalidade” e aceitação dos próprios cabelos crespos.

Mas não há sofrimento que não tenha fim, como bem dizem essas mulheres. Dani, por exemplo, fala de seu despertar para uma identidade racial por volta dos 27 anos de idade, quando viveu a transição capilar, já na faculdade. Para ela, essa transição representou “um processo de mudança interna minha”.

Assim como a escritora norte-americana Alice Walker, a maioria das interlocutoras desta pesquisa coloca os cabelos como um dos principais elementos de enfrentamento aos olhares preconceituosos e práticas racistas que as mantinham sob o julgo de uma opressão da branquitude sobre seus corpos. Para muitas dessas mulheres, hoje quarentonas, o entendimento sobre a importância dos seus cabelos serem mantidos “naturalmente” e o reconhecimento da beleza negra que poderia ser ostentada em suas cabeças só veio à tona em suas consciências depois da adolescência, várias quando ingressaram nas universidades. Dani, por exemplo, diz que a alternativa encontrada por sua mãe para facilitar os penteados de três filhas foi o alisamento logo cedo:

Desde minha infância e quando eu entrei na fase da pré-adolescência minha mãe tinha o hábito de alisar os nossos cabelos. Por ser crespo, duro, né. Então, pra facilitar os penteados... E entrei numa fase adulta continuando a alisar os cabelos. Pela dificuldade do pentear. Como nós somos três irmãs e minha mãe tinha os afazeres domésticos dela e tinha que nos preparar para ir à escola, o alisamento, ela dizia que facilitava. Então, desde a infância à pré-adolescência a gente sempre alisou o cabelo. E desde então, entrei na fase adulta alisando os cabelos. (ENTREVISTADA, 2018).

Essas mudanças empreendidas sobre os cabelos pelas mulheres negras é um tema debatido em várias instâncias, inclusive internamente, nos movimentos feministas negros. Chamadas a se posicionar politicamente, as mulheres chamadas “crespas” que não são ativistas, ou melhor, mulheres que “assumem” o cabelo crespo e que não se inserem no movimento social, algumas vezes podem ser vistas como “modistas”, aquelas que mudam o cabelo somente pela onda estética do momento. Mas há compreensões diversas sobre esse fenômeno. Há quem reconheça a importância de as mulheres negras se apresentarem

com uma estética afro-brasileira, sinalizando para uma representatividade estética, mesmo que não haja uma consciência plena de uma identidade e posicionamento político étnico-referenciado.

Por outro lado, algumas vezes, o ativismo da mulher negra “crespa” em coletivos negros e/ou uma afirmação consciente de sua identidade racial pode lhe dar maior credibilidade política pela estética assumida, sobretudo pelos cabelos.

Nos depoimentos recolhidos com mulheres participantes de um bloco de carnaval do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Anni Carneiro e Sílvia Ferreira (2018) citam discursos de mulheres entre 40 a 59 anos de idade que reconhecem as identidades de resistência construídas pelas mulheres que são mães e mais jovens, ao valorizarem a beleza de seus filhos desde cedo: “acho que está tendo uma maior consciência, porque antes se tinha vergonha por ser negra, e hoje, elas já tão trazendo os filhos com a consciência que é bonito ser negro”.

Este século XXI tem apontado para outros empoderamentos geracionais, de gênero, raciais, “capilares”, e o que tem se tornado comum é a circulação de tantas crianças e adolescentes negras com seus cabelos “para o alto”, encrespados, cheios e soltos, enrolados, trançados, *turbanteados*. Artistas mirins têm se destacado e se tornado referência desse movimento estético e muitas vezes, mas nem sempre, identitário.

***“ESSA LIBERDADE QUE ELA TEM COM ESSES CABELOS SOLTOS”: “OS CABELOS SOLTOS... ACHO QUE É O DESEJO DE TODA CRIANÇA”***

**Figura 5:** Tati com os diferentes penteados e sua filha



*Fonte:* Fotos enviadas por Whatsapp, por Tati/interlocutora, 2018.

Esta etnografia me possibilitou observar e acompanhar parte da trajetória de vida de algumas mulheres que vivenciaram questões importantes em relação aos cabelos e



formas de construção de si ao longo de minha trajetória como antropóloga, psicóloga e professora. Com algumas firmei amizades e relacionamentos pessoais que se estendem à atualidade.

Nessas trajetórias, as transformações radicais na estética capilar pelas quais passaram essas mulheres foram me chamando a atenção e mais ainda, os seus discursos que enveredavam pela ideia de um encontro subjetivo consigo mesmas. Muitas falavam de uma descoberta da raiz e da textura do cabelo, outrora desconhecidos e o reconhecimento de uma “originalidade” que passa por uma outra forma de manipular os cabelos. Gostar de si, sentir-se bela a partir de uma nova configuração capilar, “encrespada” ou “encaracolada é uma tendência presente na fala de quase todas as mulheres com quem dialoguei.

Como um processo de identidade racial construído por mulheres “crespas e encaracoladas”, o belo corporificado nos cabelos transicionados capilarmente parece se dar por um movimento que acontece subjetivamente também a partir de “dentro”, por uma “descoberta” e aceitação de uma “nova” estética de si, o que passa por uma autovalorização e autodefinição como aponta Patrícia Collins (2019).

Essa espécie de implosão estético-identitária é acompanhada de um sentimento pontuado pelas mulheres como uma experiência de liberdade e de libertação. Comparam a infância que tiveram com a infância de suas filhas e percebem que viviam aprisionadas desde cedo, com seus cabelos presos, enquanto suas filhas e filhos podem ser livres para usarem os cabelos como querem. Então, o discurso sobre o “ser livre”, conforme discutem Pina Cabral e Vanda Silva (2013) na região do Baixo Sul da Bahia e o sentimento de ter liberdade e se libertar, no caso dessas mulheres, passa muito pelos usos e modificações nos cabelos. Quase todas lembram que nunca puderam viver com os cabelos soltos enquanto eram crianças, principalmente nas idas e vindas da escola. E lembram ainda o quanto desejaram viver esses momentos em que os cabelos podiam ficar livres ao vento, experimentando, na transgressão ou nos poucos momentos de menos controle pelas suas mães, a felicidade, ao sentirem os cabelos soltos.

Soltar os cabelos, na infância dessas mulheres, seria uma chave para a libertação das amarras da opressão do racismo de um modelo de pessoa e beleza pautados na branquitude. Esse padrão social de branquitude se presentificava e ainda está presente nas práticas das famílias, parentes, educadoras, que, ao prenderem ou invisibilizarem os cabelos crespos, escondem as belezas de uma criança negra.



Entre os vários relatos, o de Nil me chamou bastante atenção quando ela realça o protagonismo de sua filha caçula, uma criança de 5 anos de idade, em atitudes explícitas de afirmação da “crespidão” de seus cabelos. Emocionada (chorando), Nil discorre sobre o dia em que despertou para o “problema” dos cabelos quimicamente alisados, num diálogo com sua filha. A menina lhe perguntou

Filha: \_Mamãe, por que seu cabelo não é parecido com o meu? Por que seu cabelo é assim, pra baixo, esticado pra baixo? É feio. O meu é que é bonito. Mãe (Nil): \_Você acha meu cabelo feio? Filha: \_ Sim, é feio. Eu acho feio. E pensei alto; Nil: \_ Minha filha não se reconhece parecida(sic) comigo (Choro). (ENTREVISTADA, 2018).

E, chocada com o que ouviu da filha, Nil vai ao salão, corta os cabelos e faz a transição capilar. Na entrevista/conversa, continua:

Foi impactante! Nunca tinha escutado isso de ninguém. Foi tão importante que eu disse para meu marido: vou cortar os cabelos. Vi que sou uma pessoa muito importante para ela [a filha] se reconhecer em mim. Nunca ia imaginar que a aparência do meu cabelo fosse representar, ser importante para ela. Como é importante a criança se ver na mãe ou no pai.

Nil diz que pensava que, pelo fato de ela alisar os cabelos, a filha também ia querer ter os cabelos iguais ao dela. Mas não foi isso que aconteceu. Sua filha sempre quis usar os cabelos cheios, crespos e soltos. Além disso, diz que sua filha “percebia que era uma tortura” para ambas, mãe e filha, pois Nil ficava no salão de beleza das oito horas da manhã até às quatro horas da tarde, deixando de fazer qualquer outra coisa no sábado, inclusive dar atenção à filha pequena.

De outro modo, Iva também teve suas preocupações com seu filho Lú, quando este estava por volta dos cinco anos de idade. Tendo alisado os cabelos até os dezoito anos, feito transição e depois colocado os *dread looks*, pensava como exercer influência sobre seu garoto, caso retirasse esses *dread looks* e ele não tivesse a oportunidade de ver essa estética em sua cabeça, como espelho para ele.

Ane, por outro lado, comenta que sua filha “já nasceu empoderada, vendo o cabelo da mãe empoderado” e que essa filha de 7 anos de idade “não quer desembaraçar os cabelos, gosta do volume, gosta de ser parecida com a tia, que tem cabelo natural lindo”. Tati, por sua vez, também ressalta o quanto sua filha de 3 anos de idade gosta de manter os cabelos cacheados soltos, frisando “essa liberdade que ela tem com esses cabelos soltos”.



Já Dani se pergunta, indignada, por que ficou tanto tempo vivendo sob uma opressão capilar, sempre com os cabelos alisados e presos, “podendo ser livre”. Para ela, “O belo, ele pode ser natural, é do jeito que eu quero estar. O belo é ser livre, você sair daquela dependência, daquela escravidão. Quando eu lembro que eu era escrava de salão... escrava de pranchinha...!”.

Essa versatilidade na manipulação dos cabelos também é compartilhada por Tati: “Já tive vários momentos, já usei *megahair*, já alisei, não sou presa a cabelo, não sou apegada. No momento tá natural. A pessoa não pode ser escrava do cabelo; tem que fazer o que quer. Não sou apegada”.

E com a filha, Dani experimentou uma relação inversa ao que viveu com a mãe no que diz respeito à manipulação dos cabelos. Tendo começado o alisamento dos cabelos de sua filha tão pequena, e a própria Dani ter passado pela transição capilar, resolveu, nesse mesmo período, fazer uma gradual transição capilar em sua filha, então com seis anos de idade, cortando aos poucos os fios alisados e tecendo permanentemente as tranças sobre a cabeça. Dani diz que sua filha passou a gostar dos próprios cabelos não alisados e a pedir para deixá-los soltos. “Os cabelos soltos... acho que é o desejo de toda criança!”, diz.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUAR O DEBATE

Como um debate inacabado, a questão da identidade racial a partir dos cabelos é um tema bastante presente na contemporaneidade dos estudos sobre relações étnico-raciais no Brasil.

A manipulação dos cabelos crespos parece ser um movimento que é estético e também identitário, sendo ora mais estético, influenciado pela moda afro, ora mais identitário, através de processos subjetivos mais internos e também coletivos de reconhecimento de si e étnico, e, conseqüentemente, de autoestima. Os padrões de beleza agora parecem concorrer, pelo menos em Salvador, entre “estéticas afrocentradas” e “estéticas branqueadas”, entre outras. Isso pode ser uma questão de escolha, num mercado estético e de cosméticos que vem ofertando mais possibilidades de lidar com os cabelos crespos. E pode ser também, como enunciado nas críticas à indústria cultural, a força e influência da moda sob a forma de estética negra. E pode ser ainda um movimento cultural, político, estético, identitário que mobiliza as diversas subjetividades, trazendo o



corpo negro para a cena principal do palco, iluminado e estonteado pelas imagens que mostram as tantas formas de montar os cabelos.

Nesta pesquisa, todas as mulheres que passaram pelo processo de transição capilar viveram um processo intenso de transformações pessoais em suas vidas, de ordens subjetiva e objetivas, tendo a autoestima mais valorizada e impactos importantes no cotidiano, como mudança de trabalho, novas posturas com os filhos e valorização da estética negra, após as mudanças nos cabelos.

Entre parentes, as mulheres têm se influenciado mutuamente nas novas formas de lidar com os cabelos, mantendo-os crespos, enrolados, cacheados. E aquelas que convivem com crianças em seu entorno percebem como estas têm adotado comportamentos diferenciados, com mais autonomia no uso dos cabelos e gosto pelos cabelos “naturais”, crespos, “livres” e soltos.

Importante perceber também que as mulheres interlocutoras nesta pesquisa mencionam esse processo de libertação pelos cabelos, mesmo não tendo transitado por espaços de militância política negra. Porém, para algumas, o acesso às discussões sobre relações raciais nos espaços de escolarização como as universidades foram oportunidades significativas para o despertar de uma consciência identitária racial. E poder olhar para trás, para suas infâncias e para suas mães e famílias, e enxergar as diferenças no trato da estética dos cabelos num período fortemente marcado pelo ideal de branquitude, para elas, passa a ter outros significados. Poder se revisar hoje, a partir dos cabelos e se afirmar como negra também faz parte de um movimento que há muito vem mexendo com as cabeças das mulheres negras e também dos homens.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Anni, FERREIRA, Sílvia Lúcia. Padrões de beleza, mídia e racismo: representações sociais e identidades de resistência. In.: GROSSI, Miriam P., BONETTI, Alinne de L. (Orgs.). Caminhos feministas no Brasil: teorias e movimentos sociais. Tubarão (SC): Copiart; Florianópolis (SC): *Trilho da Ilha*, 2018.

COLOLINS, PATRÍCIA Hill. Pensamento feminista negro. SP: *Boitempo*, 2019.

FIGUEIREDO, ÂNGELA. “Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada”: identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros. *XXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*, Caxambu, outubro de 2002.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo com símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: *Autêntica*, 2006.



GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*. n. 21. Set./Out./Nov./Dez., 2002.

KABENGELE, Munanga. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. I.], v. 4, n. 8, p. 06\_14, out. 2012. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/246>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

KABENGELE, Munanga. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: *Autêntica*, 2004.

LAGROU, Els. Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas. *Revista PROA*, ano 2, v. 1, 2010.

MATTOS, Ivanilde Guedes de; SILVA, Aline. Vício cacheado: estéticas afro-diaspóricas. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. I.], v. 6, n. 14, p. 214\_235, out. 2014. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/139>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre as relações raciais no Brasil. *Tempo Social Revista de Antropologia da USP*. v. 19. N 1. Nov./ 2006.

PINA-CABRAL, João, SILVA, Vanda. Gente Livre. Consideração e pessoa no Baixo Sul da Bahia. Bahia: *Terceiro Nome*, 2013.

WALKER, Alice. O cabelo oprimido é um teto para o cérebro. Palestra no Spelman College, Atlanta, EUA, 1987.

WERNERCK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. I.], v. 1, n. 1, p. 07\_17, jun. 2010. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/303>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

*Recebido em: 15/02/2020*

*Aprovado em: 25/03/2021*